



HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA
E MUSEOLOGIA EM LAGOS

HISTÓRIA DE UM ARRABALDE DURANTE OS SÉCULOS XV E XVI: O “POÇO DOS NEGROS” EM LAGOS (ALGARVE, PORTUGAL) E O SEU CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS ESCRAVOS AFRICANOS EM PORTUGAL

MARIA JOÃO NEVES**

MIGUEL ALMEIDA*

MARIA TERESA FERREIRA**

Resumo

A História Moderna de Portugal encontra-se fortemente marcada pelos Descobrimentos, movimento pautado por um pulsar eminentemente económico, traduzido na implementação de redes comerciais motivadas pela procura de especiarias, açúcar, ouro e escravos.

Em Portugal continental, um dos centros económicos que mais se destacou neste comércio foi a cidade de Lagos. Daqui parte em 1444 a primeira expedição de captura de escravos rumo às costas da Mauritânia, empresa saldada no aprisionamento de 235 peças, segundo os relatos de Gomes Eanes de Zurara.

Ora, sendo a presença escrava bastante significativa tanto nesta cidade, como noutras do Reino, não deixa de parecer estranha a quase completa ausência em contextos arqueológicos de vestígios materiais deste grupo social, situação que a nível mundial encontra também correlato.

Em 2009, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo no Valle da Gafaria, junto a uma das portas da cidade, proporcionou uma oportunidade inestimável de documentação objectiva dos escravos em Portugal, através dos seus testemunhos mais directos: o seu esqueleto.

Com efeito, a intervenção de Arqueologia preventiva viria a permitir a identificação de uma vasta lixeira urbana, acumulada em Época moderna no interior e em torno de um “boqueirão”. Facto inesperado, a prossecução da escavação revelaria aqui a presença de um número muito significativo de esqueletos humanos (N=155).

N

* iDryas Gap Lab., Rua Aníbal de Lima, 170, 3000-030 Coimbra (Portugal).

** Bolseiras de Doutoramento da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal). CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra).

A análise das relações estratigráficas revelava que estes esqueletos não eram intrusivos – e, portanto, posteriores – à deposição da lixeira, mas, pelo contrário, que os esqueletos foram aqui inumados/descartados durante o próprio período activo da lixeira, ou seja em simultâneo com o despejo de dejectos urbanos.

Por outro lado, a análise morfológica feita no próprio terreno, aliada à presença significativa de indivíduos com modificações intencionais dos dentes, também revelava que esta localização anormal para as inumações (uma lixeira) se relacionava com a recorrência das características negróides dos indivíduos inumados, indiciando assim a relevância deste registo arqueológico para a história da expansão e do comércio de escravos africanos no Atlântico.

O salvamento arqueológico deste importante documento histórico resultou num acervo arqueológico e documental com um enorme potencial para a produção de conhecimento acerca da modernidade em Portugal, da História da expansão e do comércio de escravos.

Palavras-chave: Escravos, Bioarqueologia, Geoarqueologia, Lixeira, Portugal.

1. Introdução

A História Moderna de Portugal encontra-se profundamente marcada pelo contacto com os “novos mundos que Portugal deu ao mundo” – novas geografias, novos espaços, novas gentes. Em Portugal, um dos centros económicos que mais se destacou no comércio resultante deste movimento foi Lagos, que cresceu com as investidas sobre Ceuta e o início da “expansão” portuguesa, tornando-se num importante ponto de apoio às incursões militares no continente africano. Em consequência, a cidade ganhou em meados do século XV um relevo sócio-político passando de porto de guerra a importante entreposto comercial, ao qual afluem sobretudo escravos (Pimentel, 1995).

De resto, note-se que uma das primeiras iniciativas relativas à organização de uma expedição de captura de escravos partiu precisamente de um conjunto de armadores de Lagos, que formaram a Companhia de Lagos e, que no ano de 1444, rumaram para as costas da Mauritânia. Chegados a Lagos nesse mesmo ano, aportando na manhã do dia 8 de Agosto com um carregamento de 235 escravos, segundo a “Crónica dos feitos da Guiné de Gomes Eanes de Zurara” (Pimentel, 1995; Henriques, 2009). São estes os primeiros indivíduos escravizados que chegariam a Portugal

A vitalidade comercial de Lagos no tráfico escravagista encontra também a sua prova nos registos de entrada no Reino e nos assentos de óbito, que atestam uma importante componente escrava entre os seus habitantes: entre 1571/72 e 1582/83 cerca de 10% dos óbitos registados na cidade eram escravos (Magalhães, 1970).

Os usos e costumes em voga haviam de ditar um tratamento destes indivíduos reduzidos à escravatura muito diferente do recebido pelos restantes habitantes do reino. Este trato, fruto do baixo estatuto que os escravos tinham, era visível tanto no tratamento que recebiam em vida, como naquele que recebiam no momento da morte e mesmo após esta.

Em 2009, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo no Valle da Gafaria (o Parque de Estacionamento do Anel Verde), na zona extra-muros da cidade, proporcionou uma oportunidade inestimável de documentação objectiva da vida e da morte dos escravos em Portugal (Neves *et al.*, 2010), através dos seus testemunhos mais directos: os seus esqueletos.

Com efeito, a intervenção de Arqueologia preventiva viria a permitir a identificação de uma vasta lixeira urbana, constituída em Época Moderna no interior e em torno de um “boqueirão”. Facto inesperado, a prossecução da escavação revelaria aqui a presença de um número muito significativo de esqueletos humanos (N=155) enterrados num contexto arqueológico específico, bem caracterizado e datado (Neves *et al.*, 2010).

Através do estudo destes vestígios, neste trabalho procuraremos apresentar os primeiros resultados relativos à análise antropológica dos esqueletos dos escravos africanos, bem como os resultados da análise arqueotanatológica, enquadrada por uma abordagem geoarqueológica global do sítio. Procura-se em resumo, reunir os primeiros contributos para tentar uma reconstituição do ambiente e dos procedimentos funerários ocorridos neste sítio, a fim de melhor compreender o ambiente socioeconómico e condições (micro)históricas da utilização funerária do local.

2. O sítio do Valle da Gafaria

O Valle da Gafaria localiza-se em Lagos (Santa Maria, Lagos, Faro, Portugal) junto à Porta dos Quartos – antiga Porta da Traição – a escassos metros da Cerca Nova (fig. 1), mandada construir por D. João III. A área intervencionada situa-se aqui num vasto terreno com cerca de 4000m² delimitado a Norte e a Oeste por um parque ajardinado que confina com a muralha quinhentista, a Este pela Estrada da Ponta da Piedade e a Sul pela Rua José Afonso.

O sítio implanta-se sobre um vale aberto, no qual corriam pelo menos dois cursos de água (a Ribeira do Touro e a Ribeira das Naus) que se dirigiam para o interior da cidade, desembocando depois na Ribeira de Bensafirim que desagua directamente no mar.



Fig. 1 – Localização do Parque de Estacionamento do Anel Verde, sito no Valle da Gafaria, na cidade de Lagos e face ao núcleo muralhado moderno da cidade.

Jacente sobre a “formação carbonatada de Lagos – Portimão” (Rocha *et al.*, 1983), implanta-se numa área fortemente afectada por fenómenos de carsificação. Esta formação encontra-se coberta por sedimentos pliocénicos sobre as quais se instalaram importantes depósitos arenosos de origem aluvial e cronologia holocénica. Durante os últimos séculos, o constante redireccionamento dos cursos de água por motivos naturais e antrópicos, a carsificação das rochas de base e a ocorrência de eventos neotectónicos, contribuíram para a formação no sítio do Valle da Gafaria de um quadro complexo a nível geomorfológico e geoarqueológico. É esta complexidade que justifica ainda uma prudência acrescida no que respeita à interpretação da génese da depressão ocupada pela lixeira de Época Moderna aqui identificada.

No âmbito da análise do Valle da Gafaria, importa realçar sobretudo a sua ocupação medieval e moderna, épocas em que se nota uma maior dinâmica urbana (Morán, 2006). Com efeito, durante a Idade Média a cidade foi crescendo e tornando-se paulatinamente num centro comercial dinâmico.

Contudo, é sobretudo a partir de 1415, com as investidas sobre Ceuta e o início da “expansão” portuguesa, que Lagos crescerá e se tornará num importante porto europeu (Loureiro, 1991). O ganhar de uma nova posição entre as cidades do reino contribuiu para que a população de Lagos aumentasse, extravazando as linhas da antiga muralha, que já não respondia às exigências de defesa da cidade, acicatadas pela força da pólvora. Face a tais condições, foi no tempo de D. Manuel que se começou a projectar uma nova muralha, denominada de Cerca Nova. No reinado de D. João III esta construção é verdadeiramente encetada, sendo apenas concluída no século XVII (Morán, 2006).

A construção desta muralha terá afectado construções prévias à mesma. A recuperação de uma planta da cidade datada do séc. XVII (Ferreira *et al.*, 2008), a análise das fontes documentais, e os dados da própria escavação arqueológica, leva-nos a concluir que terá coexistido na área intervencionada, com a lixeira moderna, a Gafaria de Lagos. Este hospital dedicado aos gafos (doentes de Lepra) terá sido mandada construir nas Cortes de Évora em 1490. Mais tarde, dada a necessidade de se renovarem as muralhas de Lagos (a Cerca Nova) esses edifícios teriam sido demolidos e desmontados. Assim, a Gafaria de Lagos terá funcionado aqui entre finais do século XV e meados do século XVII (Corrêa, 1994). Sita na margem esquerda da Ribeira dos Touros, as suas fundações serão progressivamente atacadas pela circulação de água, dano que obrigará à construção de um novo muro de reforço da fundação e sucessivo encanamento das águas. Esta translação do eixo do curso da ribeira foi maioritariamente provocada pela acumulação antrópica de lixos na margem direita da ribeira.

2.1. *A lixeira moderna de Lagos*

A lixeira, é um conjunto estratigráfico composto por centenas de unidades de terreno, correspondentes a sucessivos despejos antrópicos intencionais de diversos desperdícios domésticos e urbanos que constituíram montículos de dimensões variáveis que se recobriam/justapunham, formando níveis lenticulares, que incluíam sobretudo muita matéria orgânica (fig. 2). A decomposição e dissolução desta matéria orgânica ao longo dos séculos, faz com que hoje se preservem maioritariamente apenas vestígios faunísticos (mamíferos e peixes) e cerâmicos. Repetidos níveis de espessura variável de carvões e cinzas comprovam a sua frequente ignição (natural ou provocada), marcando assim sucessivas superfícies do terreno durante o longo processo de acumulação da lixeira. Estes vastos depósitos surgem acumulados sobre as margens das ribeiras das Naus e dos Touros, ocupando o interflúvio daqueles dois cursos de água no quadro mais

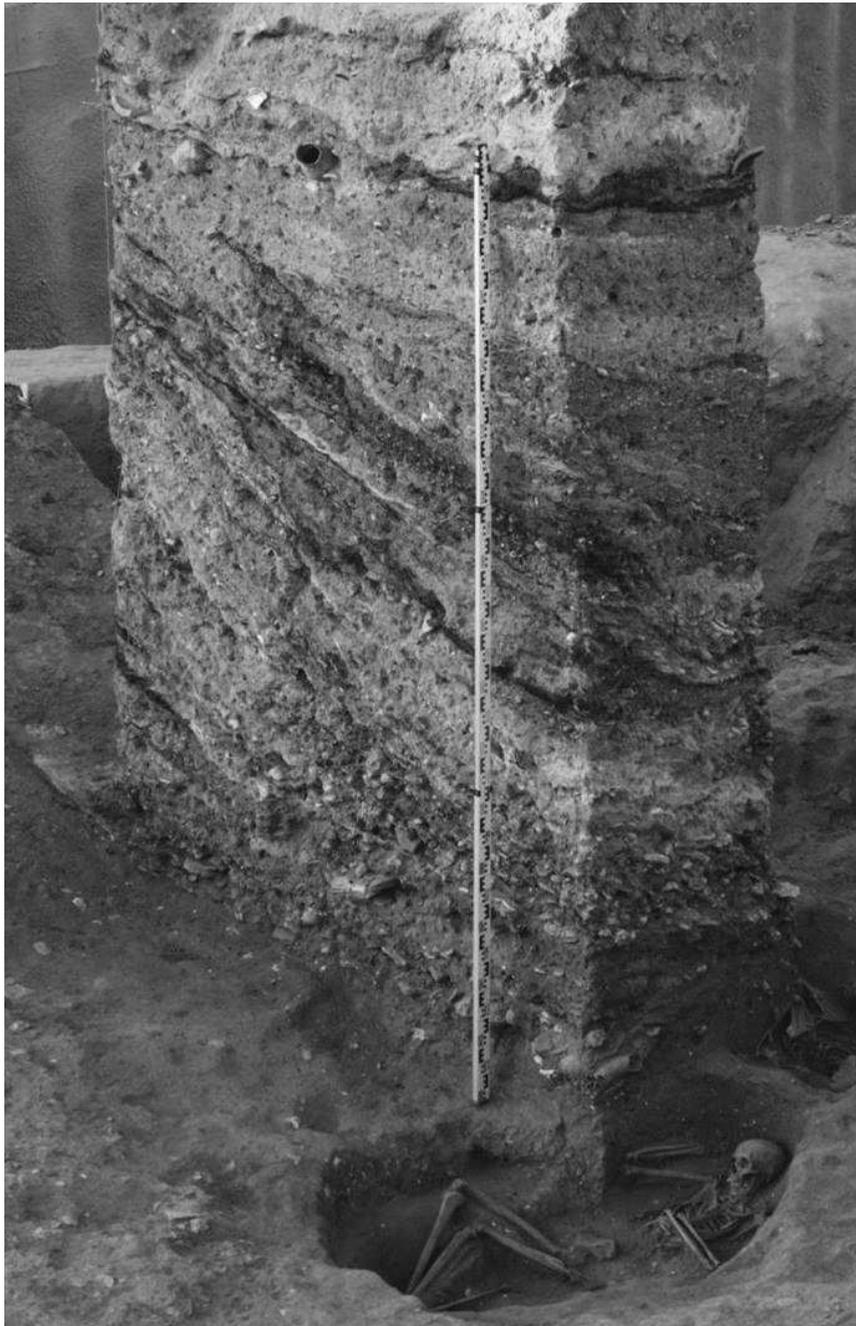


Fig. 2 – Aspecto de um dos indivíduos inumados na lixeira. Na coluna estratigráfica que surge atrás do indivíduo são visíveis as sucessivas camadas de despejos, delimitadas por linhas negras de sedimentos queimados (níveis de incêndio).

abrangente do Valle da Gafaria. De facto, a progressiva acumulação desta lixeira, numa área superior aos 1000m², através de despejos sucessivos que se recobriam e que chegavam a alcançar os vários metros de espessura, resultou no rápido assoreamento da margem direita da Ribeira dos Touros e na subsequente migração do seu leito para junto do edifício da já referida Gafaria de Lagos.

3. Material e métodos

Neste artigo estarão em análise os restos esqueléticos de 155 indivíduos (99 adultos e 56 sub-adultos) inumados do seio da lixeira Moderna de Lagos, tendo em conta o seu contexto arqueológico preciso.

A escavação foi executada mediante a implementação de um reticulado ortogonal georeferenciado, sendo as estruturas e objectos relevantes sempre registados num sistema de coordenadas cartesianas, com referência expressa do seu contexto estratigráfico, no quadro de um procedimento interpretativo das observações geoarqueológicas de campo por nós desenvolvido, mas fortemente tributário de outros trabalhos descritos na bibliografia (v. Angelucci, 2003). Dada a vastidão do registo arqueográfico preservado e a natureza dos depósitos arqueológicos escavados, na área da lixeira justificavam a recolha por amostragem da informação arqueológica disponível, após a remoção mecânica dos depósitos superficiais, correspondentes a aterros sub-actuais. Note-se que a nossa intervenção se realizou no seguimento de uma outra acção de arqueologia preventiva (Filipe *et al.*, 2010), importando durante fase de trabalhos realizada por nós, completar os indícios bastante desconexos observados nos cortes estratigráficos das sondagens anteriormente realizadas. Interessava sobretudo reunir informações estratigráficas seguras, recolhidas em cortes estratigráficos de dimensões e relação geométrica capazes de proporcionar uma interpretação fiável do desenvolvimento espacial e estratigráfico das diferentes unidades estratigráficas (depósitos sedimentares de génese antrópica e natural, estruturas edificadas, etc.) existentes no sítio, assim como das suas relações de sincronia/diacronia.

Quanto à recuperação dos vestígios osteoarqueológicos e informação geoarqueológica associada, deve referir-se que esta se processou de acordo com os princípios da Arqueotanatologia (Duday, 2006), seguindo-se o protocolo de recuperação de vestígios osteológicos desenvolvido na Dryas (Neves *et al.*, np).

As distorções tafonómicas a que os enterramentos foram sujeitos, bem como as informações relativas ao perfil biológico dos indivíduos foram por

isso observados logo na fase de campo, produzindo assim uma caracterização preliminar, mas decisiva, tanto das práticas funerárias, como de diversas características (morfológicas, paleopatológicas, etc.) dos próprios inumados. A caracterização do perfil biológico dos indivíduos foi realizada sistematicamente, nomeadamente a diagnose sexual e da afinidade populacional, a estimativa da idade à morte e o cálculo da estatura, recorrendo para tal aos métodos compilados por Buikstra e Ubelaker (1994) e Scheuer e Black (2000). A totalidade das medidas osteométricas foram realizadas tendo por referência os trabalhos de Olivier e Demoulin (1990). A nível paleopatológico registaram-se sempre (mediante descrição da lesão, identificação da região anatómica afectada e registo fotográfico de pormenor) todas as alterações do osso compatíveis com lesões, defeitos e patologias.

Após a escavação cuidada e registo descritivo e fotográfico ortocorrigido, foi sempre efectuado o levantamento antropológico individualizado de todas as peças osteológicas. Cada uma das peças foi descrita (tipo de osso, lateralidade, estado de conservação, alterações ósseas) e embalada separadamente em sacos etiquetados. Todas as informações recolhidas foram compiladas em “fichas de indivíduo” normalizadas.

4. As inumações na lixeira

A presença de enterramentos no conjunto denominado de “Lixeira” levou-nos desde logo a equacionar a questão da identidade destas pessoas cujo estatuto social durante a vida lhes reservou tal destino para a morte. As características morfológicas dos crânios observadas logo no quadro da referida caracterização preliminar de campo e a presença de indivíduos com modificações dentárias intencionais numa elevada percentagem (fig. 3), confirmam a origem africana deste conjunto de inumados. A presença de espólio claramente africano (Neves *et al.*, 2010), viria também a reforçar essa convicção.

Quanto ao contexto de proveniência dos inumados, a lixeira, importa voltar a salientar que se trata de um conjunto estratigráfico composto por centenas de “unidades de terreno”, que materializam sucessivos despejos de desperdícios domésticos e urbanos. Nestes depósitos, e à medida que se acumulavam os lixos, foram sendo depositados os corpos dos escravos.

Durante a intervenção da Dryas puderam ser exumados 155 indivíduos representados por esqueletos completos e incompletos, dos quais 56 faleceram antes de atingirem a idade adulta. Entre os adultos, o grupo etário mais representado é o dos que sucumbiram com menos de 30 anos (cerca de 51%), seguido pelos adultos falecidos entre os 30 e os 40 anos (41%).



Fig. 3 – Aspecto das modificações dentárias que o indivíduo 95 apresenta ao nível da dentição anterior, superior e inferior.

O número de adultos maduros é muito reduzido (8%). Já entre os sub-adultos, e para aqueles indivíduos em que foi possível estimar a idade à morte (35/56), a classe melhor representada é a dos 15 aos 19 anos (41,18%) seguida pela classe dos 5 aos 9 anos (29,41%). As crianças com idades inferiores a 4 anos são as menos representadas.

Durante o levantamento antropológico avaliaram-se diversos parâmetros essenciais à caracterização do perfil biológico dos inumados, entre os quais a diagnose sexual. Foi possível diagnosticar o sexo em 42% dos indivíduos adultos, tendo-se obtido um ligeiro domínio do sexo masculino (60%).

A caracterização do ambiente de decomposição cadavérica – aberto ou fechado – foi realizada com base na observação da posição dos ossos em

relação ao volume corporal do cadáver e dos índices de preservação das articulações lábeis: a totalidade dos indivíduos passíveis de análise apresenta os ossos dentro do volume corporal e a manutenção das articulações lábeis (mãos, dedos dos pés, etc.). Esta análise traduz assim um quadro em que os corpos dos indivíduos se decomposeram envoltos em sedimento, portanto, enterrados.

A identificação do modo de deposição dos cadáveres foi nalguns casos dificultada pela acção de diversos agentes tafonómicos, nomeadamente devido à acção antrópica. A reutilização de um mesmo espaço para proceder a uma nova deposição conduziu por vezes à ablacção de depósitos e esqueletos aí enterrados anteriormente. Nota-se assim, que a preferência por determinados locais de inumação conduziu à perturbação de sepultamentos anteriores.

A nível tafonómico importa referir que a evolução pós-deposicional que o sítio sofreu em função das condicionantes geomorfológicas do local – e em concreto à acção dos fenómenos de carsificação que conduzem à abertura de buracos e ao reajustamento dos depósitos sedimentares – produziu perturbações nalguns esqueletos: é o caso do indivíduo 139 cujos ossos dispersos puderam ser recuperados e identificados mediante o reconhecimento de ligações osteológicas de segunda ordem. Noutros casos foram ainda detectadas pequenas deformações a nível da posição dos ossos, indiciadoras de uma pressão lateral produzida pelos sedimentos acumulados acima dos enterramentos. Para além destas, foram também registadas alterações provocadas pela acção da água da flora e da fauna, bem como restos de pequenos invertebrados, que testemunham a deposição primária destes esqueletos.

Ainda assim foi possível observar que quanto à deposição dos cadáveres parecem ter sido diversas as opções tomadas: os cadáveres foram depositos em decúbito dorsal (51%); em decúbito lateral (36%); em decúbito ventral (10%); e alguns em posição fetal (3%). Com excepção da posição ventral – observada apenas em adultos – os demais tipos de deposição foram observados tanto em indivíduos adultos como em não adultos, pese embora as crianças mais jovens estejam preferencialmente depositadas em decúbito lateral.

A nível da posição do crânio, membros superiores e inferiores, deve realçar-se a extrema variabilidade observada. Os membros superiores estavam maioritariamente flectidos (67%), ora sobre o corpo, ora ao lado, ora acima ou por cima do crânio. Metade dos indivíduos apresentava também os membros inferiores flectidos seguindo-se percentualmente os que apresentavam os membros paralelos entre si (31%).

A respeito da orientação dos inumados cumpre destacar que há indivíduos enterrados face à totalidade dos pontos cardeais existentes, sendo a mais frequente a direcção Noroeste-Sudeste (18%).

Nalguns casos, a posição das mãos e dos braços (encontrados em posições difíceis de manter na ausência de algum tipo de constrangimento físico) parece indiciar a presença de indivíduos inumados amarrados. Tomemos como exemplo o caso de um dos indivíduos que, depositado em decúbito ventral, apresentava os membros superiores atrás do tronco, com as mãos juntas e a perna esquerda flectida. Os ossos, tanto das articulações lábeis como das persistentes, mantêm as continuidades articulares, sugerindo que este indivíduo terá sido inumado com as mãos e uma perna amarradas atrás das costas (fig. 4).

Todavia, face à presença maioritária de indivíduos pouco “arrumados”, deve-se notar também a presença de outros indivíduos que parecem ter merecido maiores cuidados. Referimo-nos em concreto às inumações em posição fetal, decúbito lateral e algumas em decúbito dorsal, que contêm espólio associado aos numa percentagem importante (7%) face ao contexto. Entre os itens identificados destacam-se anéis, colares, moedas e adornos em osso, podendo um mesmo indivíduo apresentar mais do que um item.

Embora os enterramentos sejam na sua larga maioria individuais, registaram-se também casos de inumações duplas. A este respeito merece destaque a deposição dupla de um recém-nascido (cerca de 40 semanas fetais) junto ao braço direito dum esqueleto de sexo feminino. A relação de parentesco entre estes dois indivíduos deve ser confirmada mediante uma análise de ADN. Note-se que os ossos de ambos estão em contacto directo e embalados no mesmo pacote sedimentar, argumentos em favor de uma deposição dupla (fig. 5).

No que respeita a dados cronológicos, note-se que o primeiro resultado radiocrométrico, uma data AMS 2 σ de 1420-1480 cal. d.C. (Beta-276508) obtida a partir de fragmentos de costela de um dos primeiros inumados no Boqueirão – o indivíduo 169 –, confirma já a antiguidade da utilização funerária do local, fazendo remontar esta prática aos primeiros momentos do tráfico de escravos.

5. Discussão

Sendo a presença escrava bastante significativa tanto nesta cidade, como noutras do Reino, não deixa de parecer estranha a quase completa ausência em contextos arqueológicos de vestígios materiais deste grupo social. Note-se que situação contrária se regista ao nível da toponímia, com



Fig. 4 – A posição dos ossos do indivíduo 114 é compatível com um cenário em que o indivíduo tenha sido atirado para a cova com os braços amarrados atrás das costas.



Fig. 5 – Deposição dupla de uma mulher e dum recém-nascido depositado nos seus braços.

frequentes referências a lugares por eles habitados – como o Mocambo de Lisboa (Henriques, 2009) – ou locais onde foram enterrados – como a Rua do Poço dos Negros, também em Lisboa. Ora, a escavação da extensa lixeira acumulada às portas de Lagos forneceu a oportunidade de documentar directamente o tratamento mortuário dado aos primeiros escravos aportados à metrópole.

A identificação deste cemitério constitui um achado inédito em Portugal. Noutras áreas do globo foram já identificados outros cemitérios de escravos (Nova Iorque, S. Salvador, Barbados, New Jersey, etc.), mas integram-se todos em períodos mais tardios. O cemitério que apresenta as características mais semelhantes com o de Lagos, por dele constarem indivíduos recém-aportados ainda não inseridos nas redes sociais dos locais de destino, é o cemitério dos “Pretos Novos” no Rio de Janeiro. Este cemitério destinava-se essencialmente ao enterro (ou até mera deposição à superfície) de escravos recém-chegados ao Brasil. Já sem ligações com África e ainda sem ligações ao Brasil (onde as confrarias e os irmãos de nação se recriavam numa nova comunidade), estes indivíduos encontravam-se na base da escala social,

merecendo por isso poucos cuidados na hora da morte, como documentado pela acção de salvamento e leitura da documentação (Pereira, 2008).

À semelhança do Rio de Janeiro, também Lagos era um porto onde afluíam muitos escravos. Estima-se que em meados do século XVI só no Algarve existissem cerca de 6.000 escravos, ou seja 10% da população (Magalhães, 1993). As difíceis condições de transporte e encarceramento infligiam a este grupo uma elevada taxa de mortalidade.

Importa referir que, de acordo com as fontes coevas, os cadáveres eram frequentemente abandonados nas ruas, prática que esteve na origem da intervenção régia de D. Manuel relatada por Castilho (1893: 56-57) da seguinte forma:

“(...) mesmo depois de morto, ainda que baptizado, o escravo não tinha direito a um enterro cristão. Atiravam-no ao acaso para qualquer monturo, mal o cobrindo de terra, de tal modo que os cães vadios não tardavam a saciar-se com os seus restos. O rei D. Manuel, por carta régia de 13 de Novembro de 1515, confirmou esta situação e tentou ainda remediá-la; não porque o escravo lhe merecesse mais respeito, mas porque se tornava imperioso para o bem-estar dos restantes cidadãos. Para atalhar os efeitos da putrefacção de tantos cadáveres insepultos, o rei ordenou que o melhor seria ‘fazer um poço o mais fundo que pudesse ser, no lugar que fosse mais conveniente e de menos inconvenientes, no qual se lançassem os ditos escravos’. Lembra ainda que para uma mais rápida decomposição e combate aos miasmas pútridos, se deitasse de quando em quando alguma cal virgem nesse boqueirão”.

Sendo o problema sentido em diversas localidades, foram constituídos um pouco por todo o reino estes “poços de escravos” (Saunders, 1994; Henriques, 2009). Ora, em 2009, a construção do parque de estacionamento do Anel Verde proporcionou uma oportunidade inestimável de documentação objectiva de tal prática mortuária.

No Valle da Gafaria os escravos foram enterrados quer na depressão central da lixeira, quer no seu rebordo, ou ainda nas zonas aplanadas mais próximas do acesso à cidade. Aparentemente, e ao invés do que relatavam as fontes, a decomposição destes indivíduos ocorreu em espaço fechado. Como a topografia da lixeira se encontrava em constante mutação, mediante a deposição mais ou menos constante de montículos de lixo, é provável que alguns destes indivíduos tivessem sido atirados e depois progressivamente cobertos com lixo.

Entre os inumados encontram-se indivíduos de todas as classes etárias, incluídos adultos e não adultos. A percentagem de não adultos (36,12%) é elevada, sendo, por exemplo, muito maior do que a identificada no cemitério oitocentista dos Pretos Novos no Rio de Janeiro (Pereira, 2008), o que poderá dever-se a uma diferença no recrutamento de escravos. Entre os

adultos, os mais representados são aqueles que têm menos de 30 anos de idade. São estes os que têm mais força de trabalho e maior capacidade de resistência.

De acordo com as fontes históricas, o tráfico centrava-se sobretudo na captura e comércio de indivíduos jovens de sexo masculino. Este tipo de recrutamento esteve no que viria a ser designado como o problema da demografia escrava, em que os efectivos femininos rareavam (Pereira, 2008). No caso do Valle da Gafaria foi registada uma percentagem superior de indivíduos adultos de sexo masculino, mas dificuldades relacionadas com a diagnose sexual destes esqueletos impõem uma interpretação cautelosa dos resultados obtidos em campo. Impõe-se assim, a aplicação cruzada de outros métodos de diagnose em fase de estudo laboratorial e o desenvolvimento de equações de regressão específicas para esta população.

Tendo em conta o tratamento expedito dado a estes defuntos (Castilho, 1893), a opção dos habitantes de Lagos por enterrarem os escravos na lixeira da cidade, onde para mais existia um amplo “boqueirão” de origem natural, parece adequar-se ao quadro mental do reino, onde o valor social dos escravos era muito reduzido, em especial daqueles recém-chegados. A presença na lixeira de indivíduos amarrados ou simplesmente atirados pode coadunar-se com o enterro de escravos ainda não transaccionados e, portanto, não incluídos na sociedade. Contudo, estes enterramentos contrastam com outros mais cuidados. A este título merece destaque o referido enterramento duplo de uma mulher e de um recém-nascido, ou os enterramentos dos indivíduos que chegam a ser inumados com os objectos pessoais, como colares ou anéis.

Se os do primeiro grupo poderão resultar das acções de descarte do Mercado de Escravos de Lagos, os do segundo poderão ter sido inumados no quadro de outros contextos sociais. As fontes referem a formação de confrarias, cuja função era não só fornecer apoio em vida aos irmãos escravos, mas também na hora da morte, mediante um tratamento funerário adequado (Pereira, 2008). Em Lagos, por volta de 1555, será criada a “Confraria dos Homens Pretos da Senhora do Rosário”, na Igreja de S. Sebastião. “Um dos seus objectivos (...) era o de conseguir aforrar os seus membros (...). Outra finalidade era a de tratar do enterro dos irmãos pobres e a de socorrer (...) os que tivessem dificuldades” (Leal, 1878).

6. Perspectivas de investigação

Para além das informações relativas ao contexto, e portanto relativas ao modo de vida dos habitantes de Lagos, a escavação de uma extensa lixeira acumulada às portas da cidade de Lagos propicia uma oportunidade

única para a documentação objectiva do tratamento funerário dado a um conjunto importante de escravos africanos durante uma fase bastante inicial da circulação de escravos africanos no Atlântico. Para produzir uma imagem mais detalhada deste quadro, importa dar continuidade ao estudo paleo-biológico dos inumados, ao estudo de alguns marcadores culturais registados no esqueleto (caso das modificações intencionais da dentição) e dos contextos arqueostratigráficos de proveniência deste material, impondo-se também um programa de datações radiocrométricas que possibilite uma aferição rigorosa da escala diacrónica tanto dos enterramentos, como da própria constituição da lixeira em que se encontram incluídos.

Obviamente, para além do significado directo destas observações para a compreensão das próprias condições particulares da inumação/descarte de cada um destes cadáveres, interessará fundamentalmente, explorar toda a informação relevante para a compreensão da teia complexa de relações sociais e económicas que resultam da introdução crescente de escravos na sociedade portuguesa da metrópole de além-mar.

Agradecimentos

A escavação arqueológica do Parque de Estacionamento do Anel Verde/*Valle da Gafaria* foi custeada pela FuturLagos, S.A., através de um contrato de prestação de serviços firmado com a Dryas Arqueologia, Lda.

Os trabalhos subsequentes de investigação das séries exumadas realizadas pela iDryas enquadram-se no projecto “O Poço dos negros” de Lagos: Contributo para a compreensão do tratamento funerário dos escravos africanos nos séculos XV e XVI financiado no âmbito do concurso “Projectos de Arqueologia 2010-2012” pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Os trabalhos de investigação de Maria João Neves (SFRH/BD/38757/2007) e de Maria Teresa Ferreira (SFRH/BD/40565/2007) são financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Ministério da Ciência e Ensino Superior).

A datação de radiocarbono foi financiada pelo Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. Agradecemos a Ana Maria Silva a sua obtenção.

Bibliografia

- ANGELUCCI, D. E. (2003), “A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia”, in MATEUS, J. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura*, Trabalhos de Arqueologia, Lisboa, IPA, vol. 29, pp. 35-84.

- BARROS, A. (2007), “O negócio atlântico: as redes comerciais portuguesas e as novas geografias do trato internacional (séculos XVI-XVII)”, *Revista da Faculdade de Letras, Porto*, III Série, vol. 8, pp. 29-47.
- BUIKSTRA, J. E. e UBELAKER, D. H. (1994), *Standards for data collection from human skeletal remains*, Arkansas, Arkansas Archaeological Survey Research Series.
- CASTILHO, J. (1893), *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 548-549 [disponível em linha em <http://purl.pt/66371>].
- CORRÊA, F. C. C. (1997), *A cidade e o termo de Lagos no período dos reis Filipes*, Centro de Estudos Gil Eanes, Lagos.
- DUDAY, H. (2006), “Archaeoethnoanatology of the archaeology of death”, in GOWLAND, R. e KNÜSSEL, C. (eds.), *Social Archaeology of funerary remains*, Oxford, Oxbow Books, pp. 30-56.
- FEIO, M. (1952), *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudo de Geomorfologia*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- FERREIRA, N. M.; DIOGO, M.; COSTA, C.; FARIA, F. e FERNANDES, T. M. (2008), “Um edifício, uma planta, um enterramento, as fontes... uma gafaria em Lagos?”, *XELB – Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, Museu Municipal de Arqueologia/Câmara Municipal de Silves, n.º 8, vol. I, pp. 431-449.
- FILIFE, I.; SIMÃO, I.; GODINHO, R. e BRAZUNA, S. (2010), “Trabalhos arqueológicos realizados no Parque da Cidade: novos contributos para a História de Lagos em Época Moderna”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, n.º 5 pp. 63-68. Disponível em www.nia-era.org.
- HENRIQUES, I. C. (2009), *A Herança Africana em Portugal*, Edições dos CTT, 240 p.
- LEAL, A. S. B. P. (1878), *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, vol. 4, p. 21.
- MAGALHÃES, J. R. (1970), *Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI*, Lisboa, Cosmos.
- MAGALHÃES, R. (1993), “A Sociedade”, in MAGALHÃES, R. (coord.), *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620). História de Portugal*, dir. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. III, pp. 469-510.
- MORÁN, E. (2006), “Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Lagos: Estratégia de intervenção e balanço dos resultados obtidos”, in *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. XELB*, Silves, Câmara Municipal de Silves, n.º 6, pp. 103-111.
- NEVES, M. J.; ALMEIDA, M. e FERREIRA, M. T. (2010), “Separados na vida e na morte: retrato do tratamento mortuário dado aos escravos africanos na cidade moderna de Lagos”, *XELB*, Silves, Câmara Municipal de Silves, n.º 10, pp. 547-560.
- NEVES, M. J.; FERREIRA, M. T.; ALMEIDA, M.; BASÍLIO, L. e TAVARES, P. (no prelo), “A escavação de necrópoles e recuperação de vestígios osteológicos humanos em contextos de emergência: questões de método e de princípio”, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular de 2004*, Faro.

- OLIVER, G. e DEMOULIN, F. (1990), *Pratique anthropologique à l'usage des étudiants*. I – *Osteologie*, Paris, Université Paris 7.
- PEREIRA, J. C. (2008), “Uma reprodução simbólica do universo social: o sepultamento de escravos”, *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n.º 1, pp. 20-45.
- PIMENTEL, M. R. (1995), *Viagem ao fundo das consciências: a escravatura na Época Moderna*, Lisboa, Edições Colibri.
- POLÓNIA, A. (2004), *Redes informais de comércio ultramarino. Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 3, pp. 879-891.
- ROCHA, R. B.; RAMALHO, M. M.; ANTUNES, M. T. e COELHO, A. V. P. (1983), *Notícia explicativa da Folha 52-A – Portimão*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- SAUNDERS, A. (1994), *História social dos escravos e libertos negros em Portugal (1441-1555)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SCHEUER, L. e BLACK, S. (2000), *Juvenil developmental osteology*, London, Academic Press.